

Minha vida de menina, de Helena Morley

Trecho I

Quinta-feira, 27 de abril

“Houve agora na Chácara uma coisa que nunca tinha acontecido. Uma negra chamada Magna casou com um negro africano chamado Mainarte. Ela é muito esperta. Não quis que ele ficasse no fundo da horta na preguiça, como vivia, e arranjou um rancho no Arraial dos Forros para os dois. Ela se empregava nas casas para cozinhar e mandava Mainarte trabalhar para os outros. Ele apanhava estrume para vender para as hortas; dava barris de água de manhã e de tarde, ia buscar areia na Almotolia para as pessoas quando lavam as casas; buscava palhas no rancho dos tropeiros para desfiar para colchão. E assim iam vivendo.

Na Chácara, só se fala na maldade de Magna com o pobre do Mainarte. Era raro o dia que não lhe dava uma surra. Ele foi queixar-se a vovó e pedir que aconselhasse Magna. Vovó chamou-a e ela respondeu com todo o atrevimento: “Foi a senhora mesma, na sua casa, que pôs ele preguiçoso e quer agora que eu vá sustentar vagabundo? Ou ele trabalha ou apanha. Eu não capeio preguiçoso”.

Vovó, como sabe que ela é maluca, deixou, e o pobre continuou apanhando.

Há dias chegou à Chácara a notícia que Magna estava na cadeia e Mainarte de cama, à morte. Ela lhe deu uma surra e quis esganá-lo. Vovó disse logo: “Forte coisa!”. E chamou Seu Chico Guedes, que eles chamam de rábula*, e mandou providenciar para tirar Magna da cadeia. O homem virou, mexeu e soltou Magna. Ela, sabendo que foi vovó que pagou para tirá-lo da cadeia, foi agradecer. Vovó lhe disse: “Até a sua alma você quer perder, não é? Malvada! Querer tirar a vida do marido que Deus lhe deu para companheiro!”.

Depois lhe perguntou: “Por que é que você quis matar o pobre coitado que não lhe fez mal nenhum?”. Ela respondeu: “Não, senhora!” Ele mesmo é que é de raça de gente que morre! Eu só apertei o pescoço dele e pus a língua de fora para não me responder. Não quis matar ele, não senhora.”

Morley, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 50-1.

***Rábula:** advogado sem formação acadêmica em Direito, porém autorizado, por órgão competente, a exercer a profissão.

Trecho II

Quinta-feira, 4 de maio

“(…) Para nós este é um dia alegre. Todos os meus tios e primos se reúnem na Chácara de vovó. As negras fazem para nós um judeu* de frangos de molho pardo, lombo de porco, arroz e angu.

Na Chácara moram ainda muitos negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei de 13 de Maio. Vovó sustenta todos. Só Tomé é que vovó mandou embora porque diz que é feiticeiro e estava aprontando** Andresa com um chá de raízes para ela casar com ele. As negras, as que não bebem, são muito boas, e para terem seus cobres fazem pastéis de angu, sonhos e carajés para as festas de igreja e para a porta do teatro. Vovó compra delas muitas dessas coisas e nós comemos a noite inteira.”

Morley, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 51-2.

*Judeu: ceia

**Aprontar: dar chás de raízes para conseguir a benquerença de uma pessoa.

Trecho III

Terça-feira, 30 de maio

“Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são na Igreja do Rosário*, que é quase pegada à Chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa. E este ano foi mesmo.

Foi sorteada para rainha do Rosário uma ex-escrava de vovó chamada Júlia e para rei um negro muito entusiasmado que eu não conhecia. Coitada da Júlia! Ela vinha há muito tempo juntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo.

Agora né que eu vi como fica caro para os pobres dos negros serem reis por um dia. Júlia com o vestido e a coroa já gastou muito. Além disso teve que dar um jantar para a corte toda. A rainha tem uma caudatária** que vai atrás segurando a capa que tem uma grande cauda. Ela também é negra da Chácara e ajudou no jantar. Eu acho graça é no entusiasmo dos pretos neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá!

O que sucedeu com o jantar de Júlia é que foi triste. Há em Diamantina uma turma de rapazes que fazem espírito de roubar dos outros. São rapazes das principais famílias: Lauro Coelho é um deles. Na Chácara eles entraram há poucos dias e fizeram tais coisas, que eu desejei ser um homem para me vingar da vovó!

Pularam de noite o muro da horta e carregaram todas as frutas maduras; as verdes eles cortaram e deixaram metade nas árvores. Arrancaram todas as verduras, lindos repolhos e espalharam nos canteiros. Apanharam as abóboras, cortaram em pedaços e espalharam pela horta. Iaiá estava guardando uma abóbora gigante para ver até onde crescia e tirar as sementes, e eles a cortaram em pedaços. Só se vendo o que fizeram.

Vovó tem um modo de receber as coisas só dela. Primeiro ela diz: “Forte coisa!”. Depois acrescenta: “Mas poderia ser pior”. Não é que os diabos dos rapazes, que eu chamo ladrões, roubaram o leitão do jantar da pobre Júlia? Nós pensamos que eles puseram um menino na sala pela janela, que é baixa, e ele ficou escondido esperando uma hora em que a sala estivesse vazia. O leitão estava uma beleza! Cheio de farofa, com palitos enfeitados de papel de seda repenicado, prendendo rodelas de limão e azeitonas, e na boca uma rosa.”

Júlia só faltou chorar, coitada!

Morley, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 57-8.

***Igreja do Rosário:** um dos primeiros templos de Diamantina, construído em 1731, pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Para sua festividade eram escolhidos um rei e uma rainha que, com sua “corte” percorriam as ruas dançando e cantando. Apesar de serem reis e rainhas puramente titulares, isto é, sem poder de fato, gozavam de prestígio e respeito entre os escravos, recebiam homenagens e beija-mão de seus “súditos”.

****Caudatária:** uma criada ou serviçal que leva a cauda do traje real.

Trecho IV

Sábado, 28 de julho

“Minhas tias reúnem-se sempre na Chácara de noite e Dindinha costuma mandar fazer para todos um judeu de comidas de angu. Ora é frango com quiabo ou de molho pardo, ora caruru com carne de porco ou tomatada. Na Chácara se faz muita couve no almoço e no jantar, porque tem muita gente de cozinha. Generosa então inventou, da cabeça dela, cozinhar os talos de couve com as peles do toicinho e faz um guisado de que nós também gostamos muito.

Ontem estávamos todos na sala de jantar ceando, quando foi entrando pela casa adentro uma mulher com uma rapariguinha atrás. Entram sem cumprimentar nem olhar pra ninguém e foram seguindo para a cozinha. Mamãe e minhas tias disseram ao mesmo tempo. “É Maria Pequena!”, e correram para a cozinha e nós atrás delas.

Quando entramos na cozinha, Maria Pequena disparou a chorar, contado o que tinha sofrido na Mata do Rio, ela e Aída, filha dela. Disse que os senhores lá eram muito maus e que as filhas deles punham pimenta nos olhos de Aída quando ela estava com sono e não queria trabalhar de noite. Contava chorando essas e outras maldades que a gente não pode acreditar. Vovó lhe disse: “Não chore. Com ajuda de Deus você voltou de novo e agora vai ser feliz; pra que chorar à toa?”.

Essa Maria Pequena, eu já conhecia a história dela antes dela aparecer. Mamãe conta que queria ficar com ela no inventário de vovô, mas que ela saiu com a filha para tio Geraldo. Ela é mulata e diz mamãe que era bonita. Não sei o que houve, a mulher do tio Geraldo, que morava na fazenda, tomou birra da escrava e mandou vendê-la para a Mata do Rio. Mamãe, quando soube, mandou meu pai atrás do homem que a comprou pedir que a vendesse para ela. Vovó também ficou muito triste e mandou oferecer para compra-la mais caro. Mas o homem disse que já tinha despachado os escravos desde muitos dias e que eles já estavam muito longe.

Este caso foi um acontecimento triste na família. Ninguém gostava de falar nele perto de vovó que ficou aborrecidíssima. Mamãe o contava muitas vezes, reprovando tio Geraldo ter deixado a mulher dele fazer isso.

Maria Pequena disse que levou estes anos todos depois da liberdade ajuntando dinheiro para voltar e que não tinha esperança de encontrar vovó ainda viva.

Vovó disse que agora ela fica descansada sabendo que Maria Pequena também está amparada.”

Morley, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 175-6.